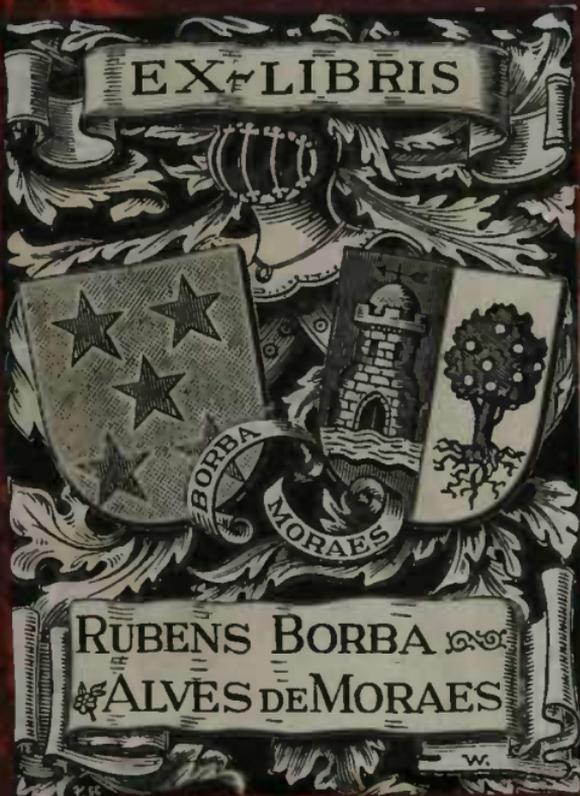






EX LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES



O  
**BRAZIL NO SECULO XVI**

---

ESTUDOS  
DE  
CAPISTRANO de ABREU

---

I  
A ARMADA DE D. NUNO MANUEL

---

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS  
72 Rua Sete de Setembro 72  
1880

~~~~~  
Brevemente será publicada a segunda  
serie d'estes estudos, sob o titulo:

*A industria brasileira no seculo XVI*  
~~~~~

AOS MEUS COLLEGAS E AMIGOS

DA

**BIBLIOTHECA NACIONAL**



As paginas que se vão ler foram publicadas na *Gazeta de Noticias* de 13, 14, 16 e 17 de Novembro. Como parece que apresentam, si não uma solução, ao menos uma hypothese razoavel, ou em todo caso diseutivel, o autor julgou conveniente reunil-as em volume.

Juntou-lhes notas e a seguinte lista bibliographica para facilitar a critica e as verifecações.

#### FONTES

*Carta de Vaz Caminha* a D. Manuel, escripta da ilha da Vera Cruz a 1 de Maio de 1500. — Revista do Instituto, t. XL, p. II, p. 13 e seg.

*Navegação de Pedro Alvares Cabral*, escripta por um piloto portuguez que nella tomou parte. — Colleeção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, tomo II, n. 3, p. 107 e seg.

Cartas de Americo Vespuccio, em Varnhagen — Americo Vespucci, son caractère, ses écrits, etc.

*Zeytung auss Presillig Landt* — apud Humboldt, Examen critique, tomo V, p. 239 e seg. e Ternaux — Compans, Arch. des Voyages, tomo II, p. 306.

Carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos a D. João III, escripta de Medina do Campo a 14 de Dezembro de 1531, ap. Varnhagen — Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin, p. 9 e 10.

#### SUBSIDIOS CONTEMPORANEOS

*Castanheda*.—Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes.

*Barros*.—Decadas da Asia.

*Osorio*.—De rebus Emanuelis.

*Góes*.—Chronica de D. Manuel.

*Corrêa*.—Lendas da India.

*Anchieta*.—Informação do Brazil em 1584, na R. Inst., vol. VI.

#### MONOGRAPHIAS

*D'Avezac*.—Considerations géographiques sur l'histoire du Brésil.

*Candido Mendes*.—Notas para a historia patria, na Revista do Instituto, tomos 39 e 40, p. II.





# A ARMADA DE D. NUNO MANUEL

---

## I

### A ARMADA DE ANDRÉ GONÇALVES

1501—1502

Não ha muitos annos era inteiramente desconhecido na historia do Brazil o nome de D. Nuno Manuel. Quem primeiro o introduziu foi Varnhagen. (1) Em suas longas investigações, elle encontrou uma carta do embaixador de Portugal a D. João III, que entre outras cousas continha o seguinte: « A substancia do que lhe respondi (á imperatriz) foi... que V. A. mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manuel, que por mandado de el-rei vosso pai, que está em gloria, foi descobrir ao dito rio

---

(1) Pr<sup>o</sup> meiras negociações diplomaticas, p. 123 e 133; Historia geral, 1.<sup>a</sup> edição, p. 31 do 1.<sup>o</sup> volume.

da Prata). — Esta carta é escripta de Medina del Campo e traz a data de 14 de dezembro de 1531. (2)

Considerando bem estas palavras, vê-se que ellas marcam um periodo de vinte annos no maximo,—de um lado o de 1501 em que foi pela primeira vez enviada uma armada ao Brazil, de outro o de 1521 em que falleceu o monarcha que a enviára.

Considerando-as mais attentamente, vê-se que o periodo ainda mais se restringe. Tratava-se de saber quem primeiro descobriu o Rio da Prata,—si Portuguezes, si Castelhanos. Para que a pretensão d'aquelles á prioridade fosse legitima, ou sequer vérosimil, seria preciso que as duas expedições fossem simultaneas pelo menos.

Ora, o descobridor do Rio da Prata pelos Hespanhóes foi Solis, de quem o rio a principio tomou o nome. Solis foi morto em 1515. Por consequente, é no periodo que medeia entre o anno de 1500, em que se deu a descoberta de Cabral, e o de 1515, em que se deu a descoberta e a morte de Solis, que se deve localisar a viagem da armada de D. Nuno Manuel.

---

(2) Nouvelles recherches, p. 9.

Uma localisação assim vaga apresenta serias difficuldades, e Varnhagen não tentou-a a principio. Sabia-se que D. Manuel enviára duas armadas ao Brazil,— uma em 1501, outra em 1503. Testemunhos contemporâneos, corroborados por estudos criticos posteriores, dando por commandante da segunda a Gonçalo Coelho, excluíam d'ella D. Nuno Manuel. Restava a primeira expedição, cujo commandante era desconhecido; porém Varnhagen, sem negar totalmente que D. Nuno pudesse n'ella ter vindo, pendia mais a favor de Fernando de Noronha.

Quem primeiro aventou a idéa de ser D. Nuno Manuel o commandante da expedição de 1501 foi d'Avezac. (3) Varnhagen, que a principio manifestara algumas dúvidas, adoptou-a por fim (4) si não com fervor, ao menos como resultado « das conjecturas mais admissiveis. »

Esta opinião, que tinha a seu favor tão grandes auctoridades, tendia a se propagar quando atacou-a sériamente o senador Candido Mendes. Pelo estudo das

(3) *Considérations sur l'histoire géographique du Brésil*, p. 17, 81, 174 e seg.

(4) *Nouvelles recherches*, p. 8 e seg., e *Historia Geral*, p. 82 (2ª edição).

*Lendas da Índia*, de Gaspar Corrêa, elle demonstrou que André Gonçalves, e não Gaspar de Lemos, fôra do Brazil levar a noticia do descobrimento a Portugal. Pelo mesmo meio elle tornou provavel que foi o mesmo André Gonçalves quem commandou a primeira expedição. (5)

Nem uma destas duas opiniões fôra ainda apresentada : os chronistas attestavam unanimemente que Gaspar de Lemos fora o delegado de Cabral, e diante de um testemunho tão accorde pareceria insustentavel opinião diversa. Mas o illustre escriptor demonstrou que todos os testemunhos favoraveis a Gaspar de Lemos reduzem-se a um : o de Castanheda, a quem seguiram Barros, Osorio e Damião de Góes. Ora, si Castanheda era contemporaneo, tambem o era Corrêa, e assim as duas affirmações equivalem-se.

Mas, continúa o mesmo autor, o testemunho de Corrêa vale mais, porque no tempo em que escrevia, já estavam publicados os livros de Castanheda e Barros, que não podia desconhecer. « E pois si manteve a opinião contraria á vinda de

---

(5) Quem levou a noticia da descoberta do Brazil? Revista do Inst., vol. 39, p. II, p. 5 e seg.

Gaspar de Lemos é porque tinha para isso bons fundamentos» (6).

Esse argumento á primeira vista é de muita força, porém tem o defeito de provar de mais. Por exemplo, no cap. I da lenda de Cabral, lê-se duas vezes que a armada partiu de Lisboa em 25 de março, dia de Nossa Senhora (7). Ora, poderia-

(6) Rev. do Inst., 39, II, 11, not.

(7) Corrêa, I, p. 150. O trecho de Corrêa relativo a André Gonçalves é o seguinte:

« Onde o Capitão-mór, por conselho de todos d'aquí, tornou a mandar ao Reyno o navio de André Gonçalves com a nova a El-Rey desta nova terra que descobrira; e mandou homens e mulheres e moços e suas redes e vestidos, e dos papagayos grandes e d'outros mais pequenos. O mantimento da terra era milho, e o navio carregado de páos vermelhos aparados, que eram muy pesados, a que chamavam Brazil, por sua vermelhidão ser fina como brasa, mandou André Gonçalves que fosse correndo a costa sempre emquanto podesse e trabalhasse por lhe ver o cabo, o que elle assim fez; e descobrio muito della que tinha muito bons port s, escrevendo tudo, e as sondas e signaes; com que tornou a El-Rey, e houve muito prazer e logo armou navios em que tornou a mandar André Gonçalves a descobrir esta terra, porque mandou experimentar o páo e acharam que fazia muy fina còr vermelha, com que

mos repetir, si Corrêa diz isto, apezar da opinião de Barros, que não podia desconhecer, é porque tinha para affirmar-lo os melhores fundamentos.

Felizmente ha algumas circumstancias que dão o maior peso ás palavras do auctor das *Lendas da India*. Omittindo outras, que são desenvolvidas no prologo da parte da traducção ingleza, feita em 1869 para a Hakluyt Society por Henry E. J. Stanley (*The three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty*), indicaremos apenas uma. No que diz respeito a Vasco da Gama, a opinião de Gaspar Corrêa é a de mais valor, porque funda-se no diario de João Figueira, companheiro do Gama na sua primeira viagem. Ora,

---

logo fez contracto com mercadores que lhe compraram o páo a peso, que foram carregar este Brazil, de que houve grande trato e muito proveito por ser mercaderia para muitas partes e mormente para Frandes de que El-Rey houve grandes proveitos como ora parece.»—Corrêa, vol. I, p. 152.

Á p. 148 do mesmo volume, depois de dar o nome dos commandantes das náos, elle traz os dos capitães dos navios pequenos Luiz Pires, Gaspar de Lemos e André Gonçalves, «mestre que viera com D. Vasco, que lhe quiz elle dar esta honra.»

d'esta primeira viagem, sobre a qual pôde dizer-se que as affirmações das *Len-das* têm o valor das de Caminha quanto a de Cabral, fez tambem parte André Gonçalves, «mestre que viera com D. Vasco.»

O navio que veio com a noticia, foi o de mantimentos, dil-o Vaz Caminha. (8) Nem podia ser outro, porque a expedição era de guerra, tanto que já tem sido reparado não trazer os padrões de rigor em viagem de descobertas. Por consequente, é evidente que Cabral não mandaria um dos grandes vasos, tanto mais quanto a sua armada já se achava desfalcada do navio de Vasco de Athayde, e, estando feita grande parte da travessia e consumido muito do mantimento, não offerencia inconveniente distribuir o resto pelos outros navios.

Isto, entretanto, não prova que André Gonçalves fosse o commandante da náu dos mantimentos, mas talvez as seguintes

---

(8) Carta a D. Manuel, p. 23 e 31, vol. XL, parte 2<sup>a</sup> da *R. do Inst. Hist.*, Cf. *A navegação de Cabral na Collecção ultramarina*, vol. II, p. 110:... e assim despachou (Cabral) um navio que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos, além dos doze sobreditos, o qual trouxe a el-rei as cartas, em que se continha tudo quanto tinhamos visto e observado. »

considerações concorram para este resultado. Gaspar Corrêa o affirma, e, em questões que se prendam directa ou indirectamente ao Gama, é a sua opinião a de mais valor. (9) Além d'isto, André Gonçalves era plebeu, e, embora quizesse honral-o, D. Vasco havia de hesitar em hombreal-o com Sancho de Thoar, Nicoláu Coelho, Bartholomeu Dias. Era mais natural que lhe dêsse um navio pequeno e humilde; um commando que, ao mesmo tempo que o honrava, não lhe deixaria esquecer o seu logar. (10)

A baixa origem do capitão André Gonçalves é um argumento que póde se invocar para estabelecer que elle não podia ter vindo por commandante da expedição de 1501.

O eminente auctor da *Memoria*, que em grande parte nos tem guiado, reconhece-o, e por isso não se atreve a declarar-se positivamente a favor de uma hy-

---

(9) Cf. — Lendas das Indias — Noticia preliminar, p. X e a nota 12 da mesma p.

(10) *A navegação de Cabral*, escripta por um piloto da armada, nem leva em conta o navio dos mantimentos, quando falla dos que a compunham: quando trata da partida para o reino é que refere-se a « um navio pequeno que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos. »

pothese, que aliás é uma de suas mais bellas investigações.

Eis suas palavras: « Seria este marítimo o chefe da pequena frota onde embarcou Americo Vespuccio, ou foi simplesmente companheiro para ir mostrar a terra ao cosmographo florentino ? »

« E' tambem possivel que o chefe da frota, capitão-mór, fosse pessoa da nobreza, levando André Gonçalves por subordinado e guia. » (11)

Adiante, o nobre senador é um pouco mais favoravel ao cummando de André Gonçalves. Depois de um periodo que omittimos, elle continúa: « Entretanto a asserção de Gaspar Corrêa é positiva, e é muito de presumir que quem soube levar com tanta segurança á Lisboa a boa nova, fosse tambem encarregado da expedição para complemento da descoberta, levando, em sua companhia, o cosmographo para fixar astronomicamente as posições importantes das novas terras. » (12)

---

(11) *Quem levou a noticia da descoberta do Brazil*, p. 10, nota 5.

(12) *Ibidem*—Na memoria sobre *Quem era o bacharel de Cananea*, elle é mais explicito: declara insustentavel a hypothese de D. Nuno Manuel e diz que cada vez se inclina mais á hypothese de André Gonçalves (*R. I. Hist.*, 40, II, 184).

Póde ser que nossa interpretação não seja verdadeira; mas parece-nos que o pensamento do respeitavel escriptor se póde exprimir assim: é possível, é de presumir que André Gonçalves foi o commandante da primeira expedição; não se póde entretanto affirmar.

Não sabemos si existe ainda algum documento que um dia venha esclarecer a questão; mas no seu estado actual parece que o commando de André Gonçalves é mais que uma hypothese.

André Gonçalves era plebeu, mas tal circumstancia perdia agora muito do seu valor. Primeiro porque elle abeirou grande parte da costa, descobriu rios, fez sondagens, compoz um roteiro, desempenhou-se da commissão com toda a galhardia.

Em segundo logar não se deve esquecer a alegria do rei, que, para dar-lhe alviçasas verdadeiramente regias, não havia de hesitar em honral-o generosamente. Emfim, é preciso não esquecer o Gama, que sentia como proprios os triumphos do seu antigo mestre de navio, e havia de ainda mais incitar e pre-dispor o seu real senhor.

Isto são meras presumpções. Ha, porém, um texto de Americo Vespucio que

só pôde explicar-se satisfactoriamente com a hypothese de se applicar a André Gonçalves.

Vamos transcrevel-o da *Revista do Instituto*, traduzido pelo benemerito Varnhagen, o mais ardente e o mais persistente de quantos campiões tem tido até hoje o florentino.

Dividimos o trecho em duas partes, para facilitar as observações, e griphámos algumas palavras.

Eis o que diz Americo Vespucio na carta a Lorenzo de Pier Francesco de Medici: (13)

« Esquecia-me dizer que desde o Cabo Verde até a dita primeira paragem d'este continente ha perto de *setecentas leguas*; ainda que avaliamos em mais de *mil e oitocentas* as que navegámos; em parte por ignorancia dos logares e do capitão, e em parte pelas tempestades e ventos, que nos impediam seguir caminho recto, obrigavam a muitas singraduras; de modo que a não ser o que entendiamos de cosmographia, não seria o nosso chefe que durante *quinhentas leguas* soubesse

---

(13) *Cartas de Amerigo Vespucci na parte que respeita ás suas tres viagens ao Brazil*, Revista do Inst. Hist., 41, I, 22, 23.

onde estávamos. Andariamos vagos e errantes, a não nos valermos de nossos instrumentos de tomar a altura—o quadrante e astrolábio—bem conhecidos.»

A' primeira vista, esta passagem de Vespucci parece unicamente testemunhar a ignorancia e a ineptia do capitão; porém examinando-a melhor percebem-se duas nuances.

A primeira é que a incompetencia do capitão não era completa, tanto que, sendo a distancia real dos dous pontos de perto de *setecentas* leguas, ao menos em *duzentas* o capitão sabia onde estava. E isto é a peor hypothese,—porque, si o numero de quinhentas refere-se, não á distancia real, mas á distancia percorrida, em mil e trezentas leguas, « o capitão sabia onde estava. »

Como explicar este mixto de saber e de ignorancia? A explicação que nos parece plausivel, é a seguinte, e é ahi onde se traí a segunda nuance: tratava-se de um marinheiro pratico, que em mar já muito navegado desafiaria competidores, que poderia sondar com habilidade, que reconheceria um recife á distancia, que perceberia os bancos pelo faro, que nas horas de tormenta seria manobreiro inexcedivel, —mas que não sabia cosmographia e não entendia de instrumentos. Em outros

termos o capitão a que unicamente se podem applicar as palavras de Vespucci pederia ser um braço inexcedivel, porém era uma cabeça fraquissima.

O que se segue torna ainda mais sensível o antagonismo que havia entre o commandante, essencialmente pratico, e Vespucci, que á pratica reunia os conhecimentos da sciencia.

« E assim, desde então todos me fizeram muita honra e lhes provei que, *sem conhecimento da carta de navegação*, não ha disciplina que valha para a navegação, a não ser por mares já pelos mesmos individuos *muito* navegados. » (14)

Este *muito* nos parece digno de ponderação: implica que embora *pouco*, o mar já fôra navegado pelo commandante.

Agora reuna-se tudo: o testemunho de Gaspar Corrêa, as confirmações subsidiarias de Caminha e do piloto que acompanhou Cabral, esses trechos de Vespuccio... Parece-nos que só a André Gonçalves se pôde applicar.

Isto pôde parecer contradictorio com o que acima dissemos, do modo por que André Gonçalves executou a primeira commissão.

---

(14) Ibidem, p. 23.

Eis, porém, o que diz Corrêa: « André Gonçalves... descobriu muito d'ella (costa) que tinha muitos bons portos e rios, escrevendo tudo, e as sondas e signaes com que tornou a el-rei. » (15)

Vê-se bem claro: André Gonçalves fez o papel de pratico; por isso, applicando-se-lhe o que d'elle diz Americo Vesputio, não temos duvida em adoptar a idéa suggerida pelo senador Candido Mendes.

Conclusão:

André Gonçalves foi o commandante da expedição que de 1501 a 1502 explorou o Brazil.

Por conseguinte, não podia ser o D. Nuno Manuel, como querem d'Avezac e Varnhagen.

Por conseguinte, é entre 1503 e 1515 que se deve localisar a armada de D. Nuno Manuel. (16)

(15) Lendas da India, I, 152.

(16) Transcrevemos em latim as palavras de Americo Vesputio, para evitar que alguém tenha duvida em aceitar a traducção de Varnhagen. Citamos da edição d'este, por não conhecer melhor. Eis o que se lê á p. 16 de Americo:

« Oblitus fueram tibi scriberi quæ promontorio capitis viridis vsq. ad principium illius continentis sunt circa septingente leuce: quævis existimem nos nauigasse plus quam mille octingentas, partim

ignorantia locorum & naucleri: partim tempestatibus & ventis impediētib; nostrum re: tum iter et impellentibus ad frequentes versuras. Qd si ad me socii animum non adiecissent, cui nota erat cosmographia nullus erat nauclerus seu dux noster nauigationis, qui ad quingentas leucas nosceret vbi essemus. Eramus enim vagi & errantes & iumenta tantummodo altitudinum corporum celestium nobis ad amussim veritatem ostenderunt & hi fueri: quadrans et astrolabium: vbi omnes cognouere. Hinc deinceps me omnes multo sunt honore prosecuti. Ostendi enim eis quod sine cognitione marine carte nauigandi disciplina magis callebam q; omnes naucleri totius orbis. Nam hi nullam habent noticiam nisi eorum locorum q; sepe navigauerunt. »



## II

### A ARMADA DE GONÇALO COELHO

1503 — 1504

Em 1503 veio nova expedição ao Brazil.

Quem era o commandante não o diz Vespuccio, que alias tomara parte n'ella ; mas dil-o Damião de Góes: foi Gonçalo Coelho (17).

Sahindo de Lisboa em meados de 1503, a esquadra veio dar á vista de uma ilha que, segundo conjecturas muito provaveis, é a de Fernão de Noronha (18). Ahí a capitanea foi de encontro a um rochedo e submergiu-se, apenas podendo salvar-se a tripulação. Vespuccio foi mandado adiante procurar um surgidouro

---

(17) *Chronica do felicissimo rei Dom Emanuel*, p. I, cap. 65 in fine. Cf. Southey — *Historia do Brazil*, vol. I, p. 44 not. e Humboldt — *Examen critique*, vol. V, p. 115 e seg.

(18) Humboldt — *Ex. crit.* V 129—132.

na ilha. N'ella demorou oito dias, e depois, encontrando um navio da armada, seguiu com elle para a Bahia (19). Depois de uma demora de mais de dois mezes, seguiu do ultimo lugar para um ponto ainda pouco determinado, onde fundou uma feitoria. D'ahi, depois de ter pacificado a vizinhança, seguiu com a outra não de conserva para Lisboa, onde já se achava em setembro de 1504.

Na carta d'esta cidade escripta a Soderini em 4 de setembro do dito anno, elle diz: « Aqui fomos muito festejados, por todos nos reputarem perdidos; e as outras não da armada todas o es-

---

(19) A narrativa d'estes factos não é bastante exacta em Varnhagen (2ª edição da *Historia geral*, p. 85). Eis o que elle diz: « Em um eachopo perto d'esta ilha naufragou a não chefe; de modo que Gonçalo Coelho teve de passar-se com a demais tripolação a outro navio. Este triste acontecimento foi causa de se desmembrar *desde logo* a mesma esquadra, separando-se o navio de Vespucci e mais outro dos tres companheiros, os quaes provavelmente proseguiram juntos ás ordens do dito chefe Gonçalo Coelho. »

O *desde logo* que grifamos é desmentido pela carta de Vespucci; ahi vê-se que o navio que se lhe aggregou, só no oitavo dia de espera na ilha, foi visto vir pelo mar fóra (R. I. H., 41, I, 16).

tarão pela soberba e loucura do nosso capitão, pois assim paga Deus ao soberbo (20). »

Vespucio se enganava. Coelho não se perdera: estava no Rio de Janeiro, onde se demorou bastante tempo para que nos mappas coevos o lugar fosse denominado *Coelho detentio* (21).

Quanto durou a demora de Coelho não está ainda bem averiguado. Gabriel Soares diz claramente que elle volveu no reinado de D. João III (22), isto é, pelo menos em 1521; mas estadia tão prolongada não é, *prima facie*, provavel. Alem disso, sabe-se que Gabriel Soares, tão cuidadoso, tão observador e tão exacto quando trata de madeira, peixe ou ave, muito menos o é relativamente á historia, onde até alguns erros lhe devem a paternidade (23).

Achamos muito mais provavel a sug-

(20) *Revist. do Inst.* 41, I, 10.

(21) Varnhagen—*Nouvelles recherches*, app. IV, p. 49 e seg. Cf. Candido Mendes, *Quem era o bacharel de Cananéa*, R. I. 40, II, 217 e seg.

(22) *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*, p. 16, na R. I. Hist., vol. XIV.

(23) Cf. Candido Mendes—*Quem levou a noticia da descoberta do Brazil?* p. 21, e Varnhagen—*Historia geral*, 1.º vol., 1.ª edição, p. 485.

gestão do autor da *Historia Geral* (24), que identifica o Gonçalo Coelho comandante da expedição de 1503 com outro de igual nome que em 18 de Julho de 1509 recebeu uma pensão de 20\$000.

E' por conseguinte de presumir que ao menos em 1509 Coelho já estava no reino. Assim fica explicada a denominação *Coelho detentio*. Mas é possível que ficasse tanto tempo sem dar novas suas? E, si isto succedesse, teria ao voltar uma pensão, isto é, uma recompensa por ter sido remisso?

Não nos parece, e portanto, attendendo a que Cabral antes, Christovão Jacques e Martim Affonso depois d'elle, mandaram navios ao reino, não duvidamos afirmar que Coelho tambem de sua *detentio* dêsse um passo que já tinha precedente e foi depois seguido por outros.

As palavras de Damião de Góes são favoraveis a esta explicação, quando afirma que Coelho recolheu ao reino apenas com duas naus (25). Sabemos que

(24) *Historia geral*, 1 ed., I, 425.

(25) Eis as palavras de Damião de Góes, que citamos da edição de 1566: «No mesmo anno (1503) mandou (el-rei) Gonçalo Coelho com seis náos á terra de Santa Cruz, cõ que partio do porto de Lisboa ahos dez

dos seis vasos que primitivamente compunham a armada, um— a capitanea— submergiu-se ; dois voltaram para Portugal com Americo ; dois trouxe depois Gonçalo Coelho. Falta explicar o destino de um. Este bem podia se ter submergido como a capitanea ; mas podia igualmente ter sido mandado com as noticias da navegação. Preferimos a segunda hypothese, porque com ella explicam-se muitos factos obscuros.

Admittida a viagem de um emissario de Gonçalo Coelho, resta fixar-lhe a data. Considerações que adiante serão desenvolvidas levam-nos a intercalal-a entre

---

dias do mes de Junho, dos quaes por ainda terem pouca noticia da terra, perdeu quatro e has outras duas trouxe ao regno com mercadorias da terra, que entam nam eram outras, que páo vermelho a que chamam Brazil, bogios e papagaios (H. I, 65). »

Damião de Góes diz que os navios perdidos foram quatro ; mas pelo testemunho de Vespucci se vê que foram apenas dois. A primeira vista ha contradicção flagrante entre os dois testemunhos, mas a contradicção é mais apparen-te que real. Góes viu na lista das sahidas Gonçalo Coelho figurar com seis navios e na lista das entradas figurar com dois. Foi para explicar a differença que recorreu a uma hypothese.

4 de Setembro de 1504 e 5 de Fevereiro de 1505.

O que contaria tal emissario ao rei de Portugal não é facil de saber, quando a sua propria vinda não está documentalmente provada ; entretanto supposições não são prohibidas, e as seguintes nos parecem fundadas na carta de Vespuccio a Solderini, tal qual a commentaram os successos posteriores.

Americo Vespuccio, diria o procurador de Gonçalo Coelho, vanglorioso de ter em parte dirigido a expedição passada, queria a cada instante fazer predominar as suas opiniões. Gonçalo Coelho não era André Gonçalves, e d'ahi discussões azedas, cujo travo ainda hoje se encontra nas cartas de Vespuccio.

O desastre á vista de Fernando de Noronha tornou ainda mais difficeis as relações entre os dois. Americo, em quem a generosidade não parece ter internado muito as raizes, exultou vendo amarrotado o orgulho d'aquelle que sempre o tratara com sobranceria e até com desdem.

Para escapar a um espectáculo que o amofinava, Gonçalo Coelho ordenou-lhe que fosse á ilha proxima procurar um surgidouro. Americo foi ; porém, em vez de tornar para dizer o resultado das suas buscas, deixou-se ficar oito dias. No fim

d'esse praso, não por movimento proprio, mas obrigado pela sua gente, foi que se decidiu .. fazer o que desde o primeiro dia era sua obrigação fazer, isto é, tornar ao ponto em que tinham ficado no perigo os seus companheiros.

Encontrou então uma não, que era da armada, e que communicou-lhe que Gonçalo Coelho fôra para o Sul, levando-lhe o batel e parte da sua tripulação. Qual era a obrigação de Vespuccio? Seguir o seu commandante. Não o fez. Voltou tranquillamente para a ilha, com o navio que encontrara e que aggregou-se, veremos adiante como. Depois foi para a Bahia, onde assistiu dois mezes. Depois ainda para outro lugar, onde esteve o tempo que quiz (26). Depois, enfim, para o reino, sem preoccupar-se com a sorte dos companheiros, como si o navio lhe pertencesse, ou elle fosse um lord que navegasse em um yacht de recreio.

Como se explica este procedimento? Vespuccio diz que obrou assim porque não

---

(26) Varnhagen, na 1ª edição da *Historia geral*, p. 426 do vol. I, diz que a feitoria por Vespucci foi em Santa Cruz, opinião insustentavel, á vista do proprio testemunho de Gabriel Soares, que elle cita. Na segunda edição elle sustenta, á p. 86, que foi no Cabo Frio.

tinha gente bastante para a viagem e manobra. Naturalmente foi ainda por falta de gente que, tres mezes depois do desastre á vista da ilha, elle fundou uma feitoria e ahi largou 24 pessoas.

Não, o motivo do proceder estranho de Vespucio era outro. Quando a capitanea submergiu-se, apenas a tripolação se salvou (27). Mappas, roteiro, instru-

---

(27) Carta a Soderini: « Foi esta ilha bem prejudicial a toda a armada; porque saberá V. M., que por máo conselho e ordem de nosso capitão-mór, se perdeu aqui a capitanea, dando ella em um cachopo, onde se abriu na noite de S. Lourenço, 10 de Agosto, e foi ao fundo; não se salvando della cousa alguma senão a gente. » Pag. 15 da *Revista do Instituto*, 41, I, 15.—Na mesma carta, p. 16, elle diz: « Estando assim, vimos ao oitavo dia vir uma náó pelo mar fóra, e com receio de que nos não visse, fizemo-nos a vela e fomos direitos a ella, pensando eu que traria o meu batel e gente, e quando estivemos perto, saudamos-a e a inquerimos sobre estes pontos; ao que nos respondeu que a capitanea tinha ido ao fundo, salvando-se apenas a gente, e que o meu batel e tripolação tinham seguido a armada por aquelle mar fóra. Aqui foi tal a minha paixão por me achar mil leguas distante de Lisboa, muito engolfado e com pouca gente. Comtudo, fazendo frente a desgraça, nos prove-mos de agua e lenha com o batel da minha conserva. » R. do Inst. 41, I, 16.

mentos, tudo se perdeu. Vespucio sabia-o. Foi por este meio que obrigou a ficar consigo a náó que Gonçalo Coelho destacara á sua procura. Foi fundado n'isto que se deixou ficar na Bahia e na colonia, immovel como a montanha de Mahomet, á espera que Coelho dêsse os primeiros passos (28). Foi por isso que, na carta escripta a Solderini, elle dava como certa a perda dos tres navios a que ficara reduzida a expedição (29).

(28) Carta a Solderini: « Não achando aqui (na Bahia) o nosso capitão-mór, nem nenhuma outra náó da armada, esperaríamos dois mezes e quatro dias; e, vindo que não vinha noticia alguma, deliberáramos a conserva e eu correr a costa; e navegámos mais para adiante duzentas e sessenta leguas, até que chegámos a um porto, onde determinámos fazer uma fortaleza, como com effeito fizemos, deixando nella vinte e quatro christãos, que vinham na *outra náó*, dos que tinham naufragado na capitanea. Estivemos neste porto cinco mezes fazendo a fortaleza e carregando páo-brazil, porque não podíamos navegar mais para adiante por nos faltar muita *gente* e *apparelhos*.

« Feito isto, conviemos em voltar para Portugal, que nos ficára pelo nordeste, e assim, deixando os vinte e quatro homens em terra com *mantimentos para seis mezes*, doze bombardas e muitas outras armas, pacificámos toda a gente do paiz—Rev. do Inst., 41, I, 17.

(29) M. Navarrete a déjà remarqué, en

Coelho viu logo que entre elle e Vespucio o combate era desigual. O mandalo á ilha foi como que uma tregua. O destacamento do navio foi uma capitulação tacita. Vespucio queria-a formal; Coelho não se prestou a tanto.

Seguiu, pois, para o sul a executar a sua commissão. Durante o espaço que separa Lisboa do rochedo em que se perdeu a capitanea, elle estudara cuidadosa e zelosamente os roteiros, cartas, etc., com zélo tanto maior quanto a labia e a basofia do florentino tornavam-lhe intcleravel aquelle pedagogo impertinente. Engolfara-se, pois, na illusão de poder por si só levar a bom exito a empreza arriscadissima.

Até talvez Cananéa a costa fóra explorada e já estava bastante conhecida, e até ahí Coelho podia avançar. Para adiante, sem conhecimento previo, sem os instrumentos que tinham immergido com a capitanea, qualquer passo era imprudente (30). Que fazer? Continuar, apezar

parlant de la fin de la lettre de Vespuce, qu'on ne concevait pas d'après quelle donnée il regardait comme perdus le chef de l'escadre et le reste de « *la flotta la quale s'era ita per quel mare avanti.* » Humboldt, Ex. crit., tom. V, p. 146—147.

(30) Veja-se, a respeito do litoral explorado até 1503, a segunda memoria do

de tudo, era arriscar a empresa, e servir de trophéo a Americo Vespucci. Tornar, era ainda peor: era ornar-lhe vivo o triumpho. Havia um meio termo: ficar no Brazil, e mandar a Portugal pedir soccorros.

Emfim, concluiria o emissario, o fim da expedição de 1503 era achar uma passagem para a terra da espediaria. Coelho estava prompto a tental-o, exigia-o até como uma recompensa. Ficara mesmo no meio do caminho, para que se nao pensasse que temia; mas queria novos recursos, mantimentos, instrumentos, cartas, roteiros, tudo emfim cuja falta reduzia-o á impotencia.

Já dissemos, tudo isto é una hypothese; mas justifica-a a carta de Vespucci desde que a virarem pelo avesso, e justificam-n'a sobretudo os acontecimentos que sobrevieram.

Com effeito, si D. Manuel recebesse tal mensagen, o que faria?

Primeiro despedir de seu serviço a Americo Vespucci. Fel o? Não se sabe. Porém é certo que em setembro de 1504 elle estava em Lisboa, d'onde datava a carta a Solderini, que o mostra em um

---

senador Candido Mendes, que discute lumbrosamente o assumpto.

estado de contentamento singular, e em fevereiro de 1505 (31) já estava na Hespanha, onde, para mostrar que não havia mais nada de commum entre elle e Portugal, recebiu a carta de naturalisação de subdito hespanhol (32). E, com effeito,

(31) De 5 de Fevereiro de 1505 é a carta de Christovão Colombo a seu filho Diogo, em que lhe recommenda Amerigo. Os trechos que e'ella nos interessam são os seguintes:

« Diego Mendez partió de aqui lunes tres de este mes. Despues de partido, fablé com Amerigo Vespucehi, portador desta, el eual va alla *chamado* sobre cosas de navegacion. El siempre tuvo deseo de me hacer placer: es mucho hombre de bien: la fortuna le ha sido contraria, como á otros muchos: *sus trabajos no le han aprovechado tanto como la rason requiere*. El va por mio y en mucho deseo de hacer cosa que redonde a mi bien, si a sus manos está. Yo non se de acá en que yo le emponga que a mi aproveche, porque non sé que sea lo que allá le quieren. El va determinado de hacer por mi todo lo a el que fuere posible. Ved allá en que puede aprovechar, y trabajad por elló, que el lo hara todo y hablará, y lo porná en obra; y sea todo secretamente porque non se haya del sospecha. » Navarrete—*Collecion de los viages y descubrimientos*. I, 351—352. Cf. Humboldt, *Examen critique*, V, 149 e 152.

(32) Vejam-se este e outros documentos

parece que alguma cousa de muito serio se passou entre o florentino e o rei de Portugal, porque nem um só documento official refere-se a seu nome. Parece que, como o de Erostrato, era prohibido pronuncial-o (33). Ora, o que poderia succeder de tanta importancia si não a mensagem de Gonçalo Coelho?

A segunda cousa que D. Manuel faria necessariamente era tomar todos os papeis, mappas, roteiros, de Amerigo. Fél-o?

Não se sabe: porém só assim se póde explicar que Americo, que tantas vezes promettera a publicação de seu livro das *Quatro Jornadas*, nunca executasse a sua promessa. E não se póde allegar falta de tempo: Vespuç'o morreu em 1512, e n'este intervallo de sete annos, não lhe faltariam ensanchas si não lhe faltassem os documentos.

A terceira cousa que D. Manuel faria necessariamente era mandar nova expedição com o fim identico ao da que fôra mallograda.

O objectivo de Gonçalo Coelho fora achar uma passagem para a terra da

---

em Navarrete, e em Varnhagen—*Nouvelles recherches*, app. II, p. 26—40.

(33) Carta do Visconde de Santarém a Navarrete, na Collecção, vol. III, n. XV, p. 309 e seg.

especiaria. O objectivo da nova expedição seria o mesmo.

Ha provas de que fosse mandada uma tal expedição?

Veremos que ha; e, cousa curiosa, uma expedição com o mesmo fim era ao mesmo tempo organizada por Americo Vesputio na Hespanha (34).

---

(34) Humboldt, *Examen critique*, V, p. 149. « Cinc mois plus tard nous voyons Vespuce, porteur d'une lettre très affectueuse de Christophe Colomb, se rendre de Seville à la cour d'Espagne, qui résidait à la Ciudad de Toro, pour se mettre, conjointement avec Vicente Yanez Pinzon, à la tête d'une grande expédition de découverte destinée au pays des épicés. »

Ibidem, p. 153: « C'était vers les années 1505 à 1507 que la cour d'Espagne commençait à s'occuper avec le plus de persévérance de trouver la route « al nacimiento de la especeria » par quelque détroit sur la cote meridionale du Brésil. »

Ibidem, p. 155: « Ce que Vespuce avait annoncé à la fin de sa lettre à Medicis, relative au troisième voyage, ce qu'il tentait vainement dans le quatrième voyage dirigé à Melcha (Malacca) le roi Ferdinand le catholique voulut le mettre à même de l'exécuter en l'associant à un grand capitaine, Vicente Yanez Pinzon. L'expression dont se sert Colomb dans la lettre à D n Diego, son fils, ne laisse

Antes de estudar este lado da questão, vejamos o caminho pereorrido.

Vimos que as palavras do embaixador portuguez, que á primeira vista comprehendiam um periodo de vinte annos, na realidade só podiam applicar-se de 1500 a 1515.

Vimos que, sendo André Gonçalves o commandante da primeira expedição, o periodo restringe-se, e deve ficar entre 1503 e 1515.

Vimos que, sendo Gonçalo Coelho o commandante da segunda expedição, o periodo comprehendido nas palavras do embaixador portuguez deve medeiar de 1505 a 1515.

Mas este periodo ainda póde ser limitado.

Embora só em 1515 Solis tivesse entrado no Rio da Prata, já em 1508 elle estivera na sua embocadura juntamente com Pinzon.

Por conseguinte é entre 1505 e 1508 que deve ter vindo a armada de D. Nuno Manuel.

Vêremos que effectivamente veio—em 1505.

---

aucune doute sur l'ensemble des circonstances qui ont amené le depart du florentin de Lisbonne. »



### III

#### A ARMADA DE D. NUNO MANOEL

1505—1506

N'esta questão de D. Nuno Manuel ha a direita e a esquerda. A direita é representada por d'Avezac e Varnhagen, que lhe attribuem o commando da primeira expedição. A esquerda é representada pelo senador Candido Mendes, que nega que D. Nuno tivesse vindo ao Brazil.

Temos até aqui discutido a direita; vamos agora discutir a esquerda. Antes de fazel-o, parece-nos conveniente chamar a attenção para um ponto, e é que nem um chronista falla da expedição de D. Nunc. Tudo quanto sabemos a seu respeito se acha contido no trecho do embaixador portuguez que transcrevemos no primeiro capitulo, e que vamos agora novamente transcrever na parte que interessa ao presente debate:

« A sustancia de que lhe respondi, escreve Alvaro Mendes de Vasconcellos a D. João III em 14 de dezembro de 1531, foi... que V. A. mandaria mui brevemente saber em que tempo descobrira uma armada de D. Nuno Manuel que por mandado de el-rei vosso pai que está em gloria foi descobrir ao dito rio.»

Este trecho, diz o senador Candido Mendes, falla em uma armada de D. Nuno Manuel, mas de tal armada si elle podia ser o commandante, podia tambem ser simples armador. E a ultima hypothese, continúa o distincto auctor das *Notas para a historia patria*, é a mais provavel, porque D. Nuno Manuel occupava um logar muito elevado na corte, e não havia de deixal-o para virexplorar terras a que se não ligava importancia.

O primeiro argumento é perfeitamente cabido, e encontramos duas indicações que ainda mais o corroboram. Deixando a segunda, que mais adiante será adduzida, damos aqui a primeira. Gaspar Corrêa a pag. 574 da 2ª parte do segundo volume das *Lendas da Índia*, diz que em 1519 partiu de Lisboa « Diogo Calvo em uma náu de D. Nuno Manuel.»

Entretanto, si o primeiro argumento

do erudito escriptor inlibe de affirmarmos positivamente a vinda de D. Nuno, tambem não permite que se negue com certeza, e além d'isso a sua força depende do segundo.

Ora é exacto que D. Nuno Manuel occupava uma posição mui o elevada na côrte; mas é preciso determinar o anno. A pag. 109 do volume VI das *Provas da historia genealogica*, encontramos uma carta regia que nomeia D. Nuno Manuel guarda-mór da pessão real. Esta carta é datada. e 11 de março de 1515. Já vimos que a expedição de D. Nuno deveria ter tido logar entre 1505 e 1508; por consequinte esta carta não é de risiva.

Mais: antes de 11 de março de 1515, D. Nuno Manuel era almotacé-mor. Isto inlhibio ia de tomar parte em uma expedição? De certo que não, porque Gaspar Corrêa diz que almotacé-mor era tambem Diogo Lopes de Siqueira que em 1518 foi de governador para a India.

Isto prova que não era impossivel a vinda de D. Nuno, mas não prova que elle tivesse vindo. Como observa-o muito bem o emilnente senador que nos tem guiado n'estas investigações, o facto de ter vindo uma armada de D. Nuno

Manuel não prova que D. Nuno Manuel tivesse vindo em tal armada.

Nem seremos nós quem o affirmê. Pensamos que veiu a armada em 1505; mas não diremos quem foi o commandante e muito menos si foi D. Nuno.

Deixando, porém, esta questão previa, tornamos a nosso objecto principal e para facilitar a demonstração dividimol-a em tres investigações parciaes:

1.ª Em 1505, pouco mais ou menos, ha noticia de ter vindo ao Brazil alguma armada portugueza?

2.ª Esta armada tinha o mesmo objectivo que a expedição de Gonçalo Coelho, isto é, achar uma passagem para Malaca?

3.ª Si veiu a armada ao Brazil em 1505; si seu fito era achar passagem para Malaca; póde provar-se de algum modo que D. Nuno Manuel tomou n'ella qual-quer parte?

As chronicas portuguezas não fallam da armada vinda ao Brazil nas proximidades de 1505; mas as chronicas brazileiras são mais explicitas. Vamos citar um trecho da annua de Anchieta escripta em 1584, e publicada no volume VI da *Revista do Instituto*.

Antes de fazel-o, apresentamós d'aqui

um requerimento ao senador Candido Mendes.

S. Ex. que conseguiu a publicação das importantes cartas jesuitas ha tantos annos enterradas e esquecidas na *collecção de Evora*, consiga igualmente a publicação de duas annuas de Anchieta que existem na mesma collecção. Uma é de 1583, escripta em hespanhol, e dá as indicações mais completas e interessantes sobre os costumes, vestimentas e habitações dos colonos. Outra é de 1584; é o papel a que mais de uma vez refere-se a annua publicada no volume VI da *Revista do Instituto*.

Si S. Ex. não poder conseguil-o, ou porque as condições financeiras do Instituto o não permittem, ou porque é difficil imbuir de calor aquelle meio inerte, attenda a outro pedido. Faça que vão para a bibliotheca do Instituto os volumes da serie de Evora, que ha tres mezes o redactor chefe ou antes o capitão-mór da *Revista* detem em sua casa, como si sua casa fosse sucursal do Instituto, como si os livros lhe pertencessem, como si elle por si só fosse o Instituto, como si em questões de historia patria elle pudesse passar de um simples carcereiro de livros.

Eis o que diz a *Annuæ*:

« Na era de 1504 vieram os francezes ao Brazil a primeira vez no porto da Bahia e entraram no Rio do Paraguassú que está dentro da mesma bahia e tornaram com as novas a França de onde vieram depois tres náus e estando no mesmo lugar em resgate entraram quatro náus da armada de Portugal e queimaram-lhe duas náus e outra lhe tomaram com matar muita gente...» (35)

Varnhagen identifica este combate com outro semelhante de Christovam Jacques; porém, elle proprio, com razões geographicas, destruiu a sua affirmacão. Eis suas palavras: « Segundo nos consta por tradicção, este combate teve lugar n'um reconcavo pela Bahia de Todos os Santos a dentro. Temos, porém, alguma duvida em o acreditar, sabendo positivamente por outro lado que as hostilidades começaram de parte dos navios francezes contra uma das caravellas, pelos tempos contrarios esgarçada de outras, que depois acudiram, o que não é provavel tivesse lugar no reconcavo » (36).

(35) *Rev. do Inst.*, VI, p. 412 e 413. Cf. d'Avezac. *Considerations*, p. 83—Póde bem ser que o navio de 1504 fosse o de Denis d'Honfleur—*Id.*, p. 84.

(36) *Historia Geral*, 1ª edição, I, 42, etc.

Em outros termos, isto prova que Christovam Jacques não combateu no reconcavo; mas não prova que não houvesse combate no reconcavo, como o afirma José de Anchieta, que, no tempo em que isto escrevia, estava há trinta e um annos no Brazil, cuja historia deveria conhecer nas menores particularidades. Além disto, basta considerar bem as palavras de Anchieta para ver que, sendo a expedição de Christovam Jacques em 1526, não se pôde identificar com os seus feitos um que, deprehende-se claramente do texto, devia ter occorrido pouco depois de 1504 (37).

Na segunda edição o autor é mais affirmativo: « Segundo nos consta por uma tradição, este combate teve lugar num reconcavo pelo rio Paraguassu acima. Sabendo, porém, positivamente por outro lado que as hostilidades começaram da parte dos navios francezes contra uma das caravellas pelos tempos contrarios esgarrada das outras, que depois acudiram, só teria o combate lugar nesta paragem, si acaso a ella se foram refugiar os mesmos navios depois de começadas as hostilidades » (p. 110).

(37) Se nos fosse permittido aventurar uma opinião, diríamos que o combate de que falla Anchieta se travou em fins de 1506 ou principios de 1507. Eis em que nos fundamos: A *Zeytung*, que dá noticias de um navio chegado em 12 de Outubro de 1506, falla de vestigios de fran-

Parece-nos, por conseguinte demon-

cezes que se encontraram ao sul, mas não falla de combate. Ao mesmo tempo lê-se ahí que o navio chegou só, por falta de viveres e que no Brazil ficaram ainda outros. Estes outros, tendo encontrado noticias dos francezes ao sul, e crendo, além d'isto, que elles tinham encontrado a passagem para Malaeca, que os portuguezes debalde tinham procurado, vinham nas melhores disposições para accitar e até provocar um combate. E este combate se deu depois da partida do navio da *Zeytung*, aliás esta tel-o-hia narrado.

Mas, dirão, o combate com os francezes não seria dado por náos da India?—Não, porque de expedições á India que vieram naquellas proximidades ao Brazil só a de Affonso de Albuquerque constava de quatro navios; mas Albuquerque veio em 1503, e, setivesse dado algum combate, Empoli, que vinha a bordo, nol-o diria. As outras expedições que se seguiram foram a de Lopo Soares, que trazia treze náos; a de D. Francisco de Almeida, que trazia quatorze náos e seis caravellas; a de Pêro de Maya, que trazia seis velas; a de Tristão da Cunha, que trazia onze, etc.

Pelo numero de navios que dá Anchieta, se póde, auxiliado por Damião de Góes e a *Zeytung*, determinar eom alguma probabilidade de quantos vaços se compunha a armada de D. Nuno Manuel.

Se do numero quatro de Anchieta subtrahirmos dois, que representam os navios de Gonçalo Coelho, restam-nos dois, que representam os de Nuno Manuel;

strada a primeira parte da nossa these, e assim não duvidamos afirmar :

Em 1505 veio ao Brazil uma armada portugueza.

Passando agora ao segundo ponto.

Vimos que o objecto da expedição de Gonçalo Coelho era achar uma passagem para Malaca. O successo não provara nem que a passagem fosse possível, nem que não fosse: deixára absolutamente intacta a questão. A menos que o herdeiro de D. Henrique não fosse de indole a arrefecer com o primeiro obstaculo; a menos que o desejo de achar esta passagem não fosse mais que simples levandade; era natural que uma nova expedição mandada em soccorro de Coelho contivesse entre as suas instrucção esta clausula.

Vejamos si nos diz alguma cousa a *Copia der Newen Zeytung auss Pre-sillig Landt* « opusculo allemão, pequenô em 4° de tres folhas que possúe a bibliotheca real de Dresde » e que, communicado por Falkenstein a Humboldt, foi

mas já vimos que de seus navios um chegára a Lisboa. Por conseguinte, se são aceitaveis as hypotheses que temos estado a formular, a armada de D. Nuno constava de tres navios, exactamente como André Gonçalves.

por este extractado no quinto volume do *Examen critique* p. 239 et seq. e depois integralmente traduzido por Ternaux-Compans ás pag. 306—309 vol. II dos seus *Archives des voyages*.

Antes, porém, é preciso liquidar a data da *Zeytung*, porque ella não a traz. Humboldt, por considerações que calamos por ora porque já perderam grande parte de seu valor, disse que « se pode admittir com alguma probabilidade que a viagem narrada no opusculo allemão foi posterior á expedição de Fray Garcia de Loyasa (1525) e anterior ao anno de 1540 (38) » Varnhagen, por uma intuição feliz, viu logo que não podia ser esta a data, e optou primeiro pela de 1508 e depois pela de 1506. Veremos depois que a data de 1506 é a que convem. Emquanto não o demonstramos, pedimos ao leitor que admitta como provado, o que, depois, parece-nos que ficará fóra de duvida.

Consultando este documento de 1506, a cada instante se vê apparecer o nome de Malaca.

Pag. 307 (de Ternaux Compans): « O piloto tem estado muitas vezes na India, elle me disse e pensa que d'este cabo do Brazil não ha mais de 600 leguas até

---

(38) *Examen critique*, V, 249.

Malaca; elle pensa tambem que por este caminho se poderá ir a Malaca, e d'ahi voltar em tão pouco tempo que será uma grande vantagem para o rei de Portugal, por causa do commercio da especiaria. Acha-se tambem que o paiz do Brazil contorna e continúa até Malaca. »

Na mesma pagina, um pouco abaixo : « E' bem crível que elles (os habitantes) têm algum conhecimento de S. Thomé, pois é sabido que elle está enterrado atrás de Malac, na costa de Coromandel. »

Pag. 309 « Os habitantes dizem que vêm de tempos a tempos outros navios, e que os tripolantes são vestidos como nós; pelo que d'elles dizem os habitantes, os portuguezes pensam que são francezes. Quasi todos têm a barba ruiva. Os nobres portuguezes pretendem que são (*Gesiner*) que navegam para Malacca. »

Assim, pelas palavras de Anchieta, vimos que, pouco mais ou menos em 1505, entrou uma armada portugueza na Bahia, onde travou lucta contra os francezes.

Vimos pela *Zeytung* que no mesmo tempo andava pela costa do Brazil uma armada com destino identico á de Gon-

çalo Coelho,—isto é descobrir a passagem de Malacca.

Resta provar que havia alguma coisa de commum entre a armada da *Zeytung* de 1506 e a armada de D. Nuno Manuel; que, já vimos, só podia ter vindo de 1505 a 1508.

Abramos novamente a *Zeytung*: á pagina 306.

« Idem—sabei que a 12 de outubro chegou aqui um navio do Brazil por falta de viveres. Era armado por NUNO, Christovão de Haro e outros.



## IV

### DIE ZEYTUNG AUSS PRESILLIG LANDT

1506

Encontramos um Nuno. Será D. Nuno Manuel? Pelo menos não é evidente. D'Avezac e Varnhagen tiveram ambos o documento que citamos, e nem um chegou a tal conclusão.

Também n'aquelle tempo a questão não era simples como hoje. Humboldt assegurava que a viagem narrada pela *Zeytung* era uma passagem pelo estreito de Magalhães. « Ora, ponderava elle com todo o acerto, não se pode admittir que a viagem portugueza tenha *precedido* a expedição de Magalhães. N'este caso o ultimo teria sabido por Haro onde se acha a passagem para o oceano Pacifico; não teria divulgado este segredo importante desde o começo de suas negociações na Hespanha, mas ter-se-hia utilisado d'elle

mais tarde. Entretanto vemol-o incerto durante todo o correr da expedição, e procurar com anciedade a passagem para o mar do Sul, desde o cabo de Santa Maria (lat. 34° 40'), resolvido a adiantar-se até 75° sul, caso seus desejos não fossem antes realizados. » (39)

Todavia esta solução não satisfazia o grande escriptor do *Cosmos*, e elle mesmo foi quem formulou as allegações mais fortes contra o modo por que interpretava a *Zeytung*.

« Como, continúa elle, o governo portuguez não se mostrou rancoroso contra Christobal de Haro, emquanto vemos o astrónomo Ruy Falero preso em 1520 na villa portugueza de Oiteiro, onde fôra imprudentemente visitar seus parentes? Haro e Falero tinham sido ambos denunciados a D. Manuel por um de seus agentes de Sevilha, Sebastião Alvares, incumbido de comprar a Magalhães a desistencia de um projecto tão perigoso para os interesses do commercio portuguez. Deve-se admitir que um fornecedor de fundos tenha achado mais facilmente meios de congraçar-se com a côrte de Lisboa do que este astrónomo Falero, que vendia

---

(39) Examen critique, V, 247.

a latitude aos marítimos e o horoscopo aos cortezãos? » (40)

Assim, sendo a viagem através do Estreito de Magalhães, dificuldades muito sérias impediam que tivessem-na realizado antes de 1519. Depois de 1519 impediam-no dificuldades ainda mais insuperáveis. Era um nó gordio. Varnhagen desatou-o com uma sagacidade extrema indicando, (41) antes de todos, « que a especie de mar mediterraneo de que a *Zeytung* faz menção, deve ter sido a grande bahia de S. Mathias, que no seculo XVI era considerada termo, por esse lado, das explorações portuguezas. »

Não reproduziremos a argumentação do venerando auctor da *Historia geral*, porque é dispensavel. Mesmo na *Zeytung* se encontram dados bastantes para destruir a affirmacão do grande Humboldt quanto á epocha da viagem nella narrada.

Com effeito, lendo-a com attenção, vê-se bem que volta a cada instante a preocupação de Malaca. Vê-se tambem claramente que a Malaca que tanto preocupa

(40) Examen critique, V, 248, 249.

(41) *Historia geral*, 1.<sup>a</sup> edição, I, 434; 2.<sup>a</sup> edição, p. 87, nota; *Nouvelles recherches*, 10 e 49. Cf. d'Avesac, *Considérations sur l'Histoire du Brésil*, p. 79 e seg.

é uma terra desconhecida, fallada, mas ainda não visitada. Isto immediatamente fixa um praso restricto. Malaca foi conquistada por Albuquerque em 1511. Por conseguinte só antes d'esta época é que se poderia fallar d'ella no tom mysterioso e vago da *Zeytung* (42).

(42) L'île de Malai que le schérif Edrisi, sous l'influence des idées systematiques de Marin de Tir et de Ptolomé, étend « de la mer Résineuse à l'extrémité de la Chine, vers le pays de Zend et à la côte orientale de l'Afrique » appartient à ces mêmes fantômes de la géographie du moyen âge. Ces fantômes n'ont commencé à disparaître que lorsqu'après la conquête de Malacca par Alfonso d'Albuquerque en 1511, la véritable configuration des côtes continentales et leurs rapports avec les îles de la Sonde ont été reconnues. *Exam. crit.*, V, 128.

O que se lê adiante é uma confirmação indirecta: L'aveu du pilote que le roi de Portugal pourra tirer beaucoup de profit, par le commerce des épices, de cette route que les vaisseaux de Haro (e tambem de Nuno, é bom não esquecer) avaient tentée, est bien digne d'attention: L'idée est présentée comme neuve, et les mots: *Sie finden das. das landt von Presill hinumb get byss gen Malagua*, dénotent la persuasion que la Terre de Feu se prolonge comme une grande terre australe vers l'Asie ou vers le grand archipel de l'Inde. Cette persuasion est déjà combattue comme un préjugé par

Relendo este documento com mais cuidado, encontra-se meio de ainda mais limitar a época da sua composição. Ahí falla-se em estrangeiros, de barbas rui-vas, que os expedicionarios consideraram francezes.

De hespanhóes nem se encontraram vestígios, nem se faz menção. O que concluir d'ahi? Que os navios de Nuno, de que falla o opusculo de Dresda, tinham andado por aquellas paragens antes dos hespanhóes, isto é. antes de 1508.

Assim cada vez assume mais visos da verdade a affirmação do nosso Varnha-gen. A *Zeytung* foi escripta pouco depois de 12 de outubro de 1506. Assim não existe mais obstaculo á nossa proposição: a armada de D. Nuno Manuel veu ao Brazil em 1505, e, como n'aquelle tempo a média de uma expedição eram

---

*Maximilien Transylvanus, l'historien de l'expédition de Magellan.* Il fait entendre qu'on opposait alors à la possibilité d'une navigation libre à travers l'Océan Pacifique « cette continuité du continent découvert par les Espagnols (*tierra firme qui era tan perpetua y sin fin*) séparant les mers de l'Orient et de l'Occident ». Examen critique, V, 254.

Estas linhas são um argumento fortissimo a nosso favor: basta substituir Terra de Fogo por America do Sul.

dous annos, voltou em 1503. Mas, repetimos, o Nuno da gazeta allemã será o D. Nuno Manuel do officio de Alvaro Mendes de Vasconcellos ?

Voltando ao officio, vemos que duas condições tem a preencher esse D. Nuno Manuel a cuja cata andamos.

A primeira é que tenha vindo uma armada sua ao Brazil descobrir as partes meridionaes. Esta condição está satisfeita, porque o missivista anonymo de 1506 falla em mais de um navio aos 40° de latitude sul.

A segunda é que sua armada tenha vindo antes de 1503, si a pretensão dos portuguezes era legitima; ou em 1508, ao mesmo tempo que Solis e Pinzon, si a pretensão dos portuguezes só tinha por si a apparencia. Esta ultima condição tambem fica satisfeita, porque de 1505 a 1506 é que teve logar a expedição de que aqui fallamos e de que trata a *Zeitung*.

Mas resta sempre a questão, a questão prévia que com tanta lucidez levantou o senador Candido Mendes. D. Nuno Manuel veiu ou mandou ?

Já vimos que os argumentos do autor das admiraveis *Notas para a historia patria* não são convincentes; mas ao mesmo tempo deixam pairar uma duvida

que ainda mais adensam as palavras da *Zeytung* e de Gaspar Corrêa. E' nesta duvida que ficamos.

O allemão da *Zeytung*, diz Humboldt, é obscuro, cheio de incorrecções, viciado de erros typographicos. O autor do *Examen critique* muitos pontos não poude interpretar. A traducção de Ternaux-Compans tem muitos logares em branco. Por isso não se póde ler claramente entre as linhas e debaixo das linhas (43).

Entretanto, parece que juntamente com os navios armados por D. Nuno Manuel havia « dois navios que tinham partido com permissão do rei de Portugal para explorar e descrever a terra do Brazil.» Seriam os de Gonçalo Coelho? Nada se oppõe a esta conclusão, e neste caso d'esta terceira expedição que julgamos ter provado, seria o commandante não D. Nuno Manuel, porém o mesmo Gonçalo Coelho.

O estudo da *Zeytung* ainda mais nos confirma a suspeita. Este commandante que segue sempre, sempre, até que a tempestade lançou-lhe aos pés o veto da força bruta; este commandante, que se deixa ficar atraz como para empenhar um ultimo combate e realizar por si o que

---

(43) Cf. D'Avezac—*Considérations*, p. 79.

toda a armada não pôde conseguir ; tem um não sei d'aquelle orgulho sinistro que banha de reflexos fulvos o porte inflexivel de Gonçalo.

Agora lancemos um olhar de relance sobre os seis annos em que estivemos a bordejar.

Cabral descobriu o Braz I, e as narrativas de seu emissario levaram D. Manuel a enviar uma expedição exploradora. Esta não encontrou o que esperava, e tornando ao reino, fallou desdenhosamente de uma terra de brazil, de canafistula e de papagaios. (44)

Por esse tempo chegou João da Nova a Portugal, contando maravilhas de Malaca, a terra da especiaria (45). A idéa de encontrar uma passagem por sua nova

---

(44) Cartas de Vespucci, *passim*. Eis as palavras de Empoli. .. « navegamos tanto, que nos achamos muito engolfados na altura da terra da Vera Cruz ou Brazil, descoberta alguns annos antes por Americo Vespuccio, da qual se tira grande quantidade de canna-fistula e de pão-brazil; e não achamos mais nada de valor » *Collecção ultramarina*, II, n. 6, p. 220. Cf. Humboldt—*Ex. Critique*, V, p. 78, not.; e Varnhagen—*Americo Vespucci, son caractère, etc.*, p. 108.

(45) Varnhagen—*Am. Vesp.*, son caractère, etc., p. 113.

descoberta vem a D. Manuel. D'ahi a expedição de Gonçalo Coelho.

A expedição malogrou-se por causa da defeição de Vespucci; mas nada provará que a empresa fosse impossível. D'ahi uma nova tentativa, a expedição realizada pela armada de D. Nuno Manuel.

Tambem esta mangrou; porém os que que n'ella tomaram parte não duvidaram de sua possibilidade.

Nova expedição seria naturalmente tentada; mas em breve se tornou dispensavel: Albuquerque conquistára Malaca. Desde então o Brazil continuou a ser o que era antes da chegada de João da Nova: uma terrá de brazil, de canafistula, de papagaiós e bugios.

Vieram aos poucos os colonos. Em Pernambuco se começou o cultivo do assucar (46). Mais de uma capitania foi creada. Porém nada havia que chamasse a attenção do rei de um modo continuo e especial para a nossa terra. Esse que forneceram-no os Francezes. Foram elles os primeiros a prezar o paiz, a conhecer-lhe os vastos recursos, a utilisar-lhe os ricos productos, a entabolar re-

---

(46) Varnhagen—*Hist. Geral*, 2ª edição, ps. 95, 103 e 105.

lações continuas entre os dous continentes (47).

Nas paginas da *Zeytung auss Presilig Landt* já se desenham as scenas de um drama tenebroso, que tem por scenario o seio virgem do Atlantico, e por espectadores os espaços vagos do azul.

São personagens :—Brasis, Francezes, Portuguezes.

Drama que atravessou de seculo a seculo.

---

(47) Vejam-se os livros de Ternaux-Compans, d'Avezac, Margry, Gaffarel, etc.



## ADDITAMENTOS

A pag. 16 dissemos que Gaspar Correa assegurava que André Gonçalves era o commandante do navio de mantimentos. Lendo com mais attenção as *Lendas da India*, não encontrámos tal affirmação. Infelizmente já estava composta a folha e não podémos modificar o texto neste ponto.

Tambem o mal não é grande. O nosso segundo argumento por isso não fica mais fraco, e alem d'isto o senador Candido Mendes já mostrou que o silencio de Gaspar Correa não tem grande importancia.

Eis as palavras do erudito autor das *Notas sobre a Historia Patria* :

« Se pois, o navio escolhido para a volta á Lisboa foi o de mantimentos, como diz Vaz de Caminha e o autor da *Navegação de Cabral*, era este commandado por André Gonçalves, não só porque Gaspar Correa o affirma, como por-

que o contrario se não sustenta em outros escriptores, porque são silentes a este respeito. E o que diz Vaz de Caminha é confirmado pelo autor da Navegação de Pedro Alvares Cabral, ambos compauheiros da frota e o ultimo na qualidade de piloto « *Rev. Inst.* 39, II, 13, 14.

A pag. 42 quando nos referimos á opinião do Senador Candido Mendes a respeito de D. Nuno Manuel citamos de memoria, porque, na occasião, não foi possivel encontrar a passagem do eminente escriptor.

Depois conseguimos achal-a. Está no seu artigo segundo *Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananea* na *Rev. do Inst.*, 40, II. 201, nota.

Ahi citam-se dous capitulos de Damião de Goes. Um, parte IV cap. 36, diz o mesmo que Gaspar Correa, por nós citado.

Outro, parte I, cap. V, diz o mesmo que a carta publicada nas *Provas da historia geologica*, e acrescenta que D. Nuno Manuel era filho da ama de leite de D. Manuel.

Fundado neste testemunho, o senador Candido Mendes diz que D. Nuno Ma-

nuel tinha vivido na corte e que por conseguinte não podia ser marítimo.

Com effeito, si D. Nuno Manuel vivia na corte, não podia ser marítimo; mas quem nos diz que elle viveo? O facto de ser collaço d'El-Rei só implica-o durante o aleitamento, e isto no caso poueo provavel de os costumes da côrte admittirem naquelle tempo o aleitamento de sociedade.

Acresee que D. Nuno era filho illegítimo, e até mais que illegítimo, porque seu pae era bispo.

Enfim, D. Manuel, que tanto brilhou no throno, nunca foi o herdeiro presumptivo da coroa. Antes de parar-lhe nas mãos, o sceptro andou, se bem nos lembramos, por doze príncipes, que eram pelo sangue mais conjunctos a D. João II.

Mesmo depois de mortos os que o preeediam, elle correu perigo de não ficar com o reino, porque, diz Damião de Goes no cap. II da parte I de sua Chronica, « ha vontade, desejo d'El-Rei Dom João foi sempre de deixar o reyno a. dõ George seu filho bastardo »

A' pag. 44 citamos a importante annua de Anchieta publicada no volume VI da *Revista do Instituto*. Isto nos dá occa-

sião para chamarmos a attenção dos que estudam a historia patria para uma questão que talvez não seja destituida de interesse.

A pag. 408 da dita annua lê-se que Duarte Coelho, o filho, deu tanta guerra nos Indios com favor de um clerigo que se tinha por nigromatico, que destruiu toda a sua capitania, e assim desde o rio S. Francisco até *Lua* que são 10 leguas, não ha povoação de Indios.

Quem será este clerigo que passou por nigromatico?

Jaboatão, n. 124 do *Preambulo digressivo*, falla em um Vasco Fernandes Lucena, grande lingua de gentio, estimado entre elles, que, em consequencia' de um facto narrado sob o n. 125, passou por feiticeiro.

Bento Teixeira Pinto, na historia do *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho no anno de 1565*, á p. 57 da edição de 1736 menciona entre os que chegaram á terra vivos « um padre da companhia, por nome Alvaro Lucena ».

Haverá alguma relação entre Lucena Vasco e Lucena Alvaro? Talvez em Simão de Vasconcellos ou no mesmo Teixeira Pinto haja os elementos para a solução.

E, como fallamos em Bento Teixeira Pinto, archivamos aqui uma suspeita, que não duvidamos venha ainda a ser justificada: o autor do *Dialogo das Grandezas do Brazil* não é Bento Teixeira Pinto, como se admitte geralmente; nem Brandão, como o insinúa Varnhagen; porém Diogo de Campos, o autor da *Jornada do Maranhão* e da *Razão de retado*.

As rasões de nossa suspeita são: 1° a predilecção com que o autor do *Dialogo* se occupa do Maranhão, sem entretanto citar o nome de Diogo de Campos ao lado de Jeronymo de Albuquerque (pag. 180—183 do volume 2° do *Iris*.); 2° a sympathia com que trata da Parahyba, a que attribue o terceiro logar entre as capitancias do Brazil, o que vai de accordo com a *Razão do Estado*, em que ella é considerada como uma das mais prosperas; 3° a condemnação que lãvra do commercio da Parahyba com Pernambuco, pelo facto de ser esta capitania do donatario (p. 218), o que, entre parenthesis, não se coaduna com o tom bajulatorio empregado por Bento Teixeira para com Jorge de Albuquerque, no prologo da *Prosopopea* 4° o facto de ter commandado guerra contra os Petiguares, o que está de accordo com o

posto de sargento mór que occupava Diogo de Campos; 5º o facto citado por Varnhagen (R. Inst. 13, p. 276) do auctor do *Dialogo da Grandeza* estar em Portugal em 1607, facto que combina com a parte da *Jornada do Maranhão* (p. 161 da edição do Senador Candido Mendes) onde se lê que Diogo de Campos «partindo no fim do anno de 604, no de 605 e 606 alcançou ordem para fortificações», o que só permite a sua vinda para o Brazil em 1607, talvez em Maio d'este anno com D. Diogo de Menezes.

Agora uma coincidência corroborante embora não probante, porque é questão de estylo. Lê-se no *Dialogo* (p. 178 do segundo volume do *Iris*): «E como o intento d'estes, (mercadores do reino) é fazerem-se sómente ricos pela mercancia, não tractam do augmento da terra, antes pretendem de a *esfolarem* tudo quanto podem».

Compare-se o que diz a *Rasão do Estado* a folha I.

«D'estas desordens tanto introduzidas nasce que nem uma obra do bem publico se coalha, e assim os Indios, sem os buscar quem pode, vão por d'onde quere[m] mais barbaros e mais ociosos que nunca; os brancos ao longo da costa mais hospedes que como povoadores, separados

huns dos outros, vendo-se sem serviço nem a quem servirem, e conforme as suas fantasias metidos em duvidas em um deserto, pondo o sentido e o eoração na patria, tratam de se aeolher' tanto que da provineia eonfusa tem *esfolado* alguma eousa eom que o fazer possam. »

Pensamos ter dito o bastante para que não seja acoimada de sem fundamento a nossa suspeita. Si os indieios são vagos, é porque dos seis dialogos de que eonsta a obra, apenas um está publicado no *Iris*, e talvez não integralmente. Quem quiser ver em que se fundam os que dão a Bento Teixeira a autoria do *Dialogo*, eoneontrára na Revista do Inst. 13, p, 274 e segu. um estudo do distincto Sr. Joaquim Norberto.

Mas esta degressão a respeito do *Dialogo* desviou de um ponto para que desejaríamos ehamar a attenção.

O que é *Lua*?

Houve effectivamente algum lugar em Pernambuco eom este nome, ou ha no texto apenas uma incorreeção, e deve-se ler Olinda? Neste easo não será de 100 e não de 10 a distaneia que o separa do Rio S. Franeiseo?

Como o nosso estudo se funda em grande parte sobre a gazeta alleman extractada por Humboldt, e além disto aquelle documento é pouco conhecido, transcrevemol-o aqui integralmente.

Prefirimos a traducção de Ternaux-Campans á de Humboldt por ser mais completa.

Idem sachez que le douze octobre il est arrivé ici un vaisseau du Brésil parce qu'il manquait de vivres. Il était armé par Nono (Nuno) et Cristoffel (Christoval) de Haro et d'autres. Il y avait deux vaisseaux qui avec la permission du roi de Portugal étaient partis pour explorer et décrire le pays de Bresil (Presilg); ils ont visité six ou sept cent lieues de pays que l'on connaissait déjà, auparavant; ils sont arrivés au cap de Bonne-Espérance qui est une pointe de terre qui s'avance dans la mer comme le *nort As-sril* et encore un degré plus loin: quand ils furent arrivés dans ce climat ou dans cette région c'est-à-dire par le quarantième degré ils ont trouvé le Brésil c'est-à-dire un cap ou pointe qui s'avance dans la mer, ce cap s'étend dans la même direction que l'Europe c'est à dire du ponent au levant, ou de l'ouest à l'est; ils ont encore vu la terre au delà; quand ils eurent fait environ soixante milles,

il leur arriva la même chose qu'à ceux qui vont dans le levant et qui passent le détroit de Gibraltar, que l'on traverse et alors on aperçoit la terre de Barbarie, après avoir doublé le cap dont je vins de parler ; ils ont cinglé vers le nord ouest, mais alors ils ont vu la terre de l'autre côté, et ont été assaillis par une telle tempête, qu'ils n'ont pu aller plus loin ; poussés par le vent du nord ou latramontane, ils ont été obligés de revenir de l'autre côté, c'est à dire sur la côte du Brésil ; le pilote c'est à dire le conducteur de ce vaisseau est mon très bon ami, c'est le plus célèbre de tous ceux du roi de Portugal. Il a été plusieurs fois dans l'Inde, il m'a dit et pense que de ce ca du Brésil ou commencement de la terre du Brésil il n'y a pas plus de 600 lieues jusqu'à Malacca (Malaqua), il pense aussi que par cette route on pourra aller à Malacca et en revenir en si peu de temps, que ce sera un grand avantage pour le roi de Portugal, à raison du commerce des épices.

On trouve aussi que le pays du Brésil tourne et continue jusqu'à Malacca. Quand ils sont revenus sur la côte ouest du Brésil, ils ont trouvé plusieurs bons rio ou rivières et des ports comme on en trouve quand on va dans l'Inde et

aussi bien peuplés; plus on se rapproche du cap et plus la population augmente. Ils ont de bonnes mœurs, mais des manières dures, et il n'y a rien à leur rapprocher, si ce n'est qu'un village fait la guerre à l'autre. Ils ne mangent pas ensemble comme on fait dans le bas Brésil. Ils se tuent l'un l'autre et ne font pas de prisonniers. On dit que ce peuple est de bonne et libre condition, c'est à dire de bonnes manières: le peuple de cette côte n'a ni loi, ni roi; mais ils respectent les vieillards et leur obéissent, de même que dans le bas Brésil. On dirait que c'est une même nation, excepté qu'ils parlent une autre langue. Ils ont aussi dans ce pays une tradition de saint Thomaz; ils ont voulu montrer aux Portugais la trace de ses pas et des c. oix qu'il y a dans l'intérieur du pays; quand ils parlent de saint Thomas, ils disent que c'est le petit dieu. mais qu'il y en a un plus garnd. Il est bien croyable qu'ils ont quelque connaissance de saint Thomas, car il est connu qu'il est enterré derrière Malacca sur la côte de Coromandel (Siramatl) dans le golfe de Ceylan; aussi appellent-ils presque toujours dans le pays leurs enfants Thomaz; dans l'intérieur il y a de hautes montagnes et les gens du pays ont rapporté qu'elles sont pres-

que toujours dans le couvertes de neige. Ils sont entrés dans un grand nombre de ports où ils ont trouvé des peaux d'animaux fort extraordinaires: les habitants les portent non préparées sur leur peau nue, car ils ne connaissent pas l'art de le tanner. Ce sont des peaux de lions et de léopards qui sont nombreux dans le pays, de lynx et de genettes comme on en voit en Espagne et aussi de petites peaux de la grandeur de celle de la genette mais tannées comme celle de lynx, le poil en très beau et le cuir très fin comme les peaux de martre.

Ils coupent les grandes peaux de lynx et de léopard et en font des ceintures qui ont un palme de large. Il y a aussi beaucoup de lontres et de castors, ce qui prouve qu'il y a de grands fleuves dans le pays, ils ont aussi des ceintures de peaux qui me sont inconnues, j'ai acheté ces pelleteries non préparées mais en petite quantité car ils n'en ont pas apportées beaucoup. Ils disent qu'ils ne les ont pas recherchées parce qu'ils les ont regardées comme sans valeur.

J'ai acheté entre autres trois peaux cousues ensemble qui sont presque assez grandes pour doubler un vêtement. Les Portugais n'en faisaient aucune; on en fait de couvertures dans le pays comme

chez nous on y emploie les peaux de loup. Ce sont d'excellentes fourrures, ces peaux sont aussi grandes que celle d'un blaireau et ont la couleur de celle du cerf, le poil en est long et touffu et ressemble à celui de la zibeline; cette peau qui est aussi légère que celle de la martre a une très bonne odeur; le pays produit aussi une grande quantité admirable de fruits dont quelques uns ressemblent à ceux du nôtre; on y trouve aussi de la cire d'abeille; une gomme qui ressemble au gloret et beaucoup d'oiseaux de différentes espèces.

Leurs armes sont des arcs et des flèches comme dans le bas Brésil; ils n'ont pas de mines de fer et donnent tout ce qu'ils possèdent pour une hâche ou pour un couteau. Ils ont aussi dans ce pays une sorte d'épice qui brûle sur la langue comme du poivre et croît dans une gousse où il y a un grand nombre de petits grains qui sont de la grosseur du fruit de l'arbousier. Vous apprendrez aussi qu'ils sont entrés dans un port et dans un fleuve situés à deux cent milles en deçà du cap, de notre côté, et ils ont trouvé des indices qu'il y a beaucoup d'argent, d'or et de cuivre dans le pays; ils disent que le capitaine de l'autre vaisseau apporte au roi de Portugal une

hâches d'argent semblable aux hâches qu'ils font de pierre. Ils apportent aussi un métal qui ressemble à de l'étain et qui ne se rouille jamais ; ils ne savent pas si c'est de l'or de bas aloi ou ce que c'est. Les habitants de la côte leur ont dit que dans les montagnes il y a un peuple qui a beaucoup d'or, et porte des plaques d'or battu très mince comme une armure sur le front et sur la poitrine. Le capitaine amène aussi un homme de ce pays qui a voulu voir le roi de Portugal. Il dit qu'il veut lui en dire tant d'or et tant d'argent qu'il y a dans le pays, que ses sujets ne pourront le transporter. Les habitants disent qu'il vient de temps en temps d'autres vaisseaux, et que ceux qui les montent sont habillés comme nous ; d'après ce qu'en disent les habitants les Portugais pensent que ce sont des Français. Ils ont presque tous la barbe rouge. Les honorables Portugais prétendent que ce sont des  
 qui naviguent vers Malacca  
 car l'argent et le cuivre y sont à meilleur marché que dans notre pays. Voilà toutes les nouvelles, le vaisseau est chargé sous le pont de bois du Brésil et sur le pont de jeunes filles et de jeunes garçons que les Portugais ont achetés et qui ne leur ont

pas couté cher car ils sont pour la plupart venus de bonne volonté, car les gens du pays croyaient que leurs enfants parlaient pour la terre promise. On dit aussi que les gens de ce pays vivent jusqu'à 140 ans.

A auctoridade do *Dialogo das Grandezas do Brazil* é uma questão de tal importancia que vamos ajuntar mais algumas considerações a favor da hypothese que aventamos.

1.º Diz Varnhagen (R. do Inst., 13, 276) que o autor do *Dialogo* em 1586 já estava em Pernambuco. Estaria Diogo de Campos? Não o sabemos. Sabemos, porém, por uma tradição conservada em Fernandes Gama, que Martim Soares Moreno, sobrinho de Diogo, era natural de Pernambuco. Sabemos, pelo testemunho do mesmo Diogo na *Jornada do Maranhão* (pag. 163 da edição do Senador Cândido Mendes), que Martim quando acompanhou Pero Coelho ao Ceará em 1603 era mui pequeno. *Mui pequeno é vago*; mas si attendermos de um lado, a que, mandando-o ao Ceará, o que seu tio queria era que elle « servindo n'aquella entrada aprendesse a lingua dos Indios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se mui seu familiar e parente ou compadre»; si attendermos de outro lado a que Var-

nhagen (pag. 402 da 2ª edição) assegura que Martim era um dos cabos dos soldados que tomaram parte na expedição; o *mui pequeno* não pôde significar menos de 17 a 18 annos. Assim elle podia ter nascido em 1586. Assim neste tempo a familia de Diogo de Campos podia estar em Pernambuco; e não ha obstaculo a que Diogo de Campos tambem estivesse.

2.º Diogo de Campos diz que no fim do anno de 1604 elle foi para Portugal. Naquelle tempo, em que as viagens eram por monção, fim do anno queria dizer a ultima monção. E isto ainda mais provavel se torna considerando que Varnhagen cita, relativa ao objecto que levára o Sargento-mór ao reino, uma resolução de 24 de Novembro de 1604 (Historia geral, 1.º edição, I, 315, nota). Ora exactamente por este tempo podia estar no reino o autor do *Dialogo*, por que diz elle que por diversas vezes *significou* a D. Affonso de Castello Branco o quanto era prejudicial a relação da Bahia (Iris., II, 224), e D. Affonso de Castello Branco foi governador de Portugal desde 22 de Agosto de 1603 até 26 de Dezembro de 1604, como se vê em Barbosa Machado (sub-verbo).

3.º Supponhamos que Diogo de Campos sahio do Brazil a 31 de Dezembro de 1604,

e que não tenha relação com sua viagem a resolução que Varnhagen cita, sem extractar. O autor do *Dialogo* diz que significou a sua opinião, e tanto podia fazel-o oralmente como por escripto. Ora, por escripto, nada se oppõe a que o fizesse Diogo de Campos, e até a sua alta posição official dava-lhe direito só inferior ao dos governadores; ao passo que em Bento Teixeira, um sujeito que em 1601 mendigava « a tinta do favor » de Jorge de Albuquerque, assentam muito menos relações seguidas (*signifiquei por muitas vezes*, são as expressões do autor do *Dialogo*) com um personagem elevado como o vice-rei e governador de Portugal,—quer as relações fossem directas, quer indirectamente por cartas.

Mas a tradição? poderão-nos dizer.

A tradição também attribuiu a Bento Teixeira o *Naufragio da nau S. Antonio*,—entretanto, depois da carta de Varnhagen publicada no *Diario Official* de 6 de Novembro de 1872, vê-se que o autor de tal relação é outro.

Além disto, a tradição funda-se em Barbosa Machado, que, segundo todas as probabilidades. (Veja-se Varnhagen, Rev. do Inst., 13), apenas vio um manuscripto em que por lettra differente se declarava ser Bento Teixeira autor do *Dialogo*;











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).